

## REDEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE MORTE ENCEFÁLICA NO BRASIL: PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO EM CUIDADOS PALIATIVOS

DEBORAH POSTILIONI MOURÃO<sup>1</sup>; JÚLIA PERES ÁVILA<sup>2</sup>; NATANIELE  
KMENTT DA SILVA<sup>3</sup>; RAYSSA DOS SANTOS MARQUES<sup>4</sup>; VANESSA  
PELLEGRINI FERNANDES<sup>5</sup>; FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [deborah\\_mourao@hotmail.com](mailto:deborah_mourao@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [juu.peres11@gmail.com](mailto:juu.peres11@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [nat.kmentt.s@gmail.com](mailto:nat.kmentt.s@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rayssa-s-m@hotmail.com](mailto:rayssa-s-m@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [nessapfernandes@gmail.com](mailto:nessapfernandes@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [franciele.cordeiro@ufpel.edu.br](mailto:franciele.cordeiro@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Morte encefálica é a perda completa e irreversível de atividades do cérebro, com cessação das atividades corticais e do tronco encefálico. Se difere da morte clínica que é definida pela parada cardíaca (CFM, 2017; MACEDO, 2016). Em 2017, o Conselho Federal de Medicina (CFM, 2017) redefiniu os critérios para determinação da morte encefálica por meio da Resolução 2.173/2017. No Brasil, e em outros países, a doação de órgãos e tecidos se torna possível, inicialmente, pela identificação de um potencial doador, a partir da suspeita de morte encefálica. Posteriormente, envolve a abordagem da família para convencê-la a autorizar a doação, até o transplante em si (MARCONDES, 2019).

Por se tratar de situação de terminalidade, é importante reconhecer que pacientes nessa situação estão expostos ao sofrimento, devido à degradação física e à perda da capacidade de relação com o mundo, ou seja, perda daquilo que os define como pessoas. A família também vivencia intenso sofrimento, em razão da perda de um de seus membros por uma morte que nem sempre é compreensível. Assim, ressalta-se a importância dos cuidados paliativos nesse cenário, tendo em vista que eles visam aliviar o sofrimento e proporcionar conforto a partir de uma abordagem holística (IAHPC, 2018).

Dito isto, identifica-se lacuna quanto à produção do conhecimento sobre morte encefálica, doação de órgãos e tecidos e cuidados paliativos. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar as perspectivas de atuação em cuidados paliativos a partir da (re)definição dos critérios de morte encefálica no Brasil.

### 2. METODOLOGIA

Revisão narrativa norteada pela questão: Quais as perspectivas de atuação em cuidados paliativos a partir da (re)definição dos critérios de morte encefálica no Brasil?. Para tal, foram consultadas a *Scientific Electronic library Online* (SciELO) e a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), além de sites dos Conselhos Federal de Enfermagem e de Medicina. Nas bases, foi realizada a seguinte associação: morte encefálica AND cuidados paliativos OR enfermagem.

Os critérios de inclusão foram artigos originais, de reflexão ou revisão, teses, dissertações, escritos no idioma português ou espanhol, disponíveis online, publicados a partir de 2017. A delimitação temporal foi estabelecida com base nas Resoluções identificadas: Resolução CFM Nº 2.173/2017 que atualizou os

critérios de morte encefálica (CFM, 2017) e a Resolução COFEN Nº 611/2019, que normatiza a atuação dos profissionais de enfermagem no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante (COFEN, 2019). Na SCIELO, de 28 artigos, nove foram considerados para análise. Na LILACS, de 78, 16 foram mantidos. Após eliminar os duplicados nas bases, e por efetivamente responderem a questão de pesquisa, 10 artigos constituíram o *corpus* da pesquisa, além das resoluções. Os dados foram extraídos no *Google Forms* e organizados no programa *Microsoft Excel*. Os referentes à caracterização foram analisados por frequência absoluta e porcentagem e os qualitativos por aproximação entre os temas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à caracterização dos 10 artigos, 80% utilizou a abordagem qualitativa e 20% a quantitativa, sendo que 50% eram artigos originais e 50% de revisão. Quanto aos anos das publicações, 50% foram publicados em 2019, 30% em 2020, 10% em 2017 e 10% em 2018. 70% dos estudos eram da área de Enfermagem e 30% da Medicina. No que diz respeito à técnica de coleta de dados, 50% dos estudos utilizaram entrevista. A Revista Brasileira de Terapia Intensiva e a Revista de Enfermagem Online, tiveram mais publicações, sendo duas em cada uma.

Três categorias foram construídas, a citar: questões éticas relacionadas à atuação dos profissionais da saúde, cuidados com o corpo da pessoa com morte encefálica e abordagem com a família.

Na primeira categoria, verificou-se que, embora a nova resolução de determinação de morte encefálica representa avanços na segurança deste diagnóstico (WESTPHAL *et al*, 2019), há carência de educação dos profissionais quanto à morte encefálica, principalmente médicos e enfermeiros, desde a formação até a atuação profissional (COSTA *et al*, 2017; MARCONDES *et al*, 2019; NETO *et al*, 2019). Além disso, os profissionais desconhecem os sinais de identificação do potencial doador, para poder iniciar o protocolo de diagnóstico de morte encefálica, inviabilizando, assim, ações para o conforto do paciente e seus familiares, e mesmo a manutenção dos órgãos (CESAR *et al*, 2020; COSTA *et al*, 2017; MAGALHÃES *et al*, 2019; MARCONDES *et al*, 2019; NETO *et al*, 2019). Nesse sentido, um dos princípios dos Cuidados Paliativos é: afirmar a vida e considerar a morte como um processo natural (IAHPC, 2018). Logo, às pessoas com morte encefálica e sua família, devem ser ofertados cuidados paliativos, visando à dignidade e ao respeito em todas as fases da terminalidade, seja nos momentos finais de sua vida, durante e após o diagnóstico de morte encefálica, incluindo o acompanhamento no luto.

Na segunda categoria, identificou-se os cuidados com o corpo do paciente em morte encefálica, a fim de torná-lo potencial doador. Sendo indicado o controle de funções endócrino-metabólicas, vigilância hemodinâmica e cardiovascular, das funções ventilatórias, da coagulação, além de alterações inflamatórias e imunológicas (BARRETO *et al*, 2020; CESAR *et al*, 2020; MAGALHÃES *et al*, 2019). Resgata-se que cuidados paliativos podem ser oferecidos em conjunto com terapias específicas da doença (IAHPC, 2018). Dessa forma, eles podem ser fornecidos concomitantemente aos testes e cuidados para a manutenção do corpo, visando a redução do sofrimento, e por meio de estratégias de comunicação de más notícias com a família e com os profissionais que atuam na unidade de internação.

Por fim, na terceira categoria, constatou-se desconhecimento da família sobre o desejo da pessoa em doar ou não seus órgãos, insegurança advinda de crenças religiosas e receio pelo risco de tráfico de órgãos. Outrossim, um dos motivos da resistência familiar à doação de órgãos e tecidos é a falta de habilidade dos profissionais que realizam a entrevista com eles (CESAR *et al*, 2020; MAGALHÃES *et al*, 2019; MARCONDES *et al*, 2019; OLIVEIRA; JUNIOR, 2018; RIBEIRO *et al*, 2020; SANTOS *et al*, 2019). Identificou-se, ainda, que a abordagem com a família, acolhendo-a e informando-a sobre todas as etapas que envolvem a abertura de protocolo para diagnóstico de morte encefálica até a ocorrência ou não do processo de doação é responsabilidade de médicos e enfermeiros (CFM, 2017; COFEN, 2019).

Assim, oferecer suporte para os familiares durante a doença do paciente e também após o óbito é outro princípio dos cuidados paliativos (IAHPC, 2018). Essa abordagem pode favorecer o processo de doação, ao mesmo tempo em que permite acompanhar a família, resgatando crenças e valores da pessoa, de forma a personalizar os rituais de despedida.

#### 4. CONCLUSÕES

Com este estudo foi possível identificar de que forma os princípios dos cuidados paliativos podem contribuir aos pacientes diagnosticados com morte encefálica, as equipes que prestam os cuidados e a família. Com essa abordagem é possível prestar apoio na comunicação, (re)organizar questões sociais, emocionais e econômicas que se modificam a partir da possibilidade e da ocorrência da morte.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, L.N. et al. Indicadores clínicos para o diagnóstico de enfermagem Síndrome do equilíbrio fisiológico prejudicado para doadores de órgãos. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2020.

CESAR, M.P. et al. Percepções e experiências de trabalhadores de enfermagem sobre o cuidado ao paciente em morte encefálica. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 33, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução COFEN 611/2019**. Atualiza a normatização referente à atuação da Equipe de Enfermagem no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante, e dá outras providências. Brasília: COFEN, 2019. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-611-2019\\_72858.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-611-2019_72858.html)>.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução CFM 2.173/2017**. Define os critérios do diagnóstico de morte encefálica. Brasília: CFM, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2017/2173>>.

COSTA, I.F. et al. Fragilidades na atenção ao potencial doador de órgãos: percepção de enfermeiros. **Revista de Bioética**, Brasília, v. 25, n. 1, 2017.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR HOSPICE AND PALLIATIVE CARE. **Global Consensus based palliative care definition**. (2018). Houston, TX:

IAHPC, 2018. Disponível em:

<<https://hospicecare.com/what-we-do/projects/consensus-based-definition-of-palliative-care/definition/>> . Acesso em 23 de setembro de 2020.

MAGALHÃES, A.L. et al. Gerência do cuidado de enfermagem ao paciente em morte encefálica. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 13, n. 4, p.1124-1132, 2019.

MARCONDES, C. et al. Abordagem familiar para doação de órgãos: percepção dos enfermeiros. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v.13, n.5, p.1253-1263, 2019.

NETO, J.A.; FERREIRA, R.E.; ASSAD, I.M; SANTOS, I.A.; SANTOS, J.L.; PAULA, L.C.; BREDER, S.D. Atualização dos critérios diagnósticos de morte encefálica: aplicação e capacitação dos médicos. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2019.

OLIVEIRA, M.J.; JUNIOR, S.I. O enfermeiro x potencial doador de órgãos: conceitos relacionados à religião. **Revista Nursing**, São Paulo, v.21, n.241, p.2218-2222, 2018.

RIBEIRO, K.R. et al. Morte encefálica e o processo de doação de órgãos: uma atenção ao familiar. **Revista Online de pesquisa: Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 190-196, 2020.

SANTOS, J.I. et al. Percepção de familiares sobre a doação de órgãos e tecidos. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v.13, n.3, p.578-586, 2019.

WESTPHAL, G.A; VEIGA, V.C.; FRANKE, C.A. Determinação da morte encefálica no Brasil. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, V. 31, n. 3, 2019.